O Porquinho no Espelho
José Guimarães

O Porquinho no Espelho

José Guimarães

Bion era um menino que não gostava de tomar banho. Não só não gostava de tomar banho, como também não gostava de jogar lixo na lixeira. Só jogava fora dela.

- O espaço fora da lixeira é muito maior, por isso a gente erra o alvo - desculpava-se.

Só isso? Não! Detestava fazer muitas outras coisas que o manual de boas maneiras recomenda. Chutava tudo o que encontrava pelo caminho, falava palavrão e ainda era respondão.

Quando tomava sorvete, saboreava a guloseima com gosto, despertando inveja nas crianças, lambuzando o rosto, a roupa, as mãos, o chão, enquanto caminhava bem devagar. Os lábios dele chegavam a ficar da mesma cor do sorvete. Ele não se importava com isso, por isso não os limpava.

Na escola era o único a sentar-se isolado, porque ninguém gostava de se sentar perto dele. Mas não pense você que Bion se chateava com isso. Nem um pouco. Ao contrario, ficava contente e se achava o máximo.

- Bion, Bion, Bion... – sua mãe vivia lhe dizendo. – Você vai sofrer muito na vida por causa desse seu comportamento esquisito.

- Vou nada, mãe! Eu vou é lucrar.

- De que jeito?

- De todo jeito.

- Como?

- Na escola, posso sentar onde quero e ninguém me incomoda.

- Mas você não sabe o que falam de você.

- E daí?

- E daí que não gosto que falem de meu filho nem inventem apelido pra ele. Seu pai também não. Nem seus avôs. Nem seus tios e primos. Nem ninguém da família!

- Preocupação boba, mãe. A senhora não devia se preocupar com isso.

Mas Dona Gracildes se preocupava. E se queixava aos familiares. Até que um dia alguém aconselhou-a a levá-lo ao psicólogo.

Dona Gracildes levou-o a Dra. Mírian, psicóloga da escola, e contou-lhe sua aflição.

A Drª. Mírian comprometeu-se em ajudar Bion.

Assim, no primeiro encontro com ele, ela lhe perguntou:

- Você se sente bem fazendo as coisas que faz?

- Não sei.

- Sente ou não sente?

- Às vezes sinto. Às vezes não.

- Você poderia me explicar melhor?

- É assim, tia... Quando alguém faz uma coisa que eu não gosto, quero fazer pra ele uma coisa que ele não gosta.

- Sim. E daí?

- Daí que quando me fazem coisas que eu gosto, fico com vergonha de só fazer o que eles não gostam.

- Ah! Então sua consciência lhe diz que é errado o que você faz?

- Não sei. O que é consciência?

A Drª. Mírian pegou o dicionário e leu a definição de consciência. Como Bion não conhecia o significado de algumas palavras, ela explicou-o na linguagem dele.

- A senhora quer dizer que eu posso saber se o que faço é certo ou errado?

- Isso, Bion. É como se existisse dentro de você um outro “Bion”, que lhe dissesse o tempo todo como fazer corretamente. Só que você não o obedece.

Depois disso Bion passou a observar mais sua “consciência”.

Em casa contou para os pais que havia dentro dele um outro “Bion”, que era o oposto dele e iria ajudá-lo. Só não sabia como esse outro “Bion” faria isso.

O tempo foi passando... Bion estudando. Aprendendo. Só que dentro da cabeça dele surgia um conflito que ele não sabia resolver. Ao mesmo tempo em que achava que ninguém sabia o que ele estava fazendo, pressentia que alguém o observava, mas alguém quem?

Numa manhã, entretanto, ao escovar muito mal os dentes e passar apenas as pontas dos dedos molhados nos olhos, tipo banho de gato, pensando que enganava todo mundo, assustou-se ao ver a imagem de um porquinho no espelho.

- Mãããnhêêê!... Paaaaiiiiiêêêê!... – gritou apavorado.

Os pais dele correram ao banheiro, com medo de ter-lhe acontecido algo. A porta estava aberta. Eles entraram.

- Que foi, Bion? – perguntaram os dois quase ao mesmo tempo.

- Olhem no espelho.

Eles olharam no espelho e nada viram a não ser eles próprios.

- Não tem nada aqui, Bion – disse seu pai.

- Não vejo nada também – disse sua mãe – a não ser nós mesmos.

- Tem um porquinho aí!

- Como tem um porquinho aqui? – perguntou o pai. – O espelho só reflete o que está na frente dele, Bion. Não pode refletir um porquinho, se não tem um porquinho no banheiro. Isso é lógico!

- Mas eu vi um porquinho aí!

Bion viu, Bion não viu... Ficariam nisso a manhã toda, mas o Sr. Almeida tinha de deixar Bion na escola antes de ir trabalhar e a Srª. Almeida cuidar dos afazeres domésticos. A família Almeida, assim como todas as famílias logo cedo, não tinham tempo a perder. Muito menos com um porquinho invisível.

- Trate de se arrumar logo senão vai se atrasar – disse Dona Gracildes para Bion.

Os pais saíram do banheiro. Bion ficou. Todavia, antes de sair, olhou para o espelho a distância, desconfiado, mas só viu seu rosto. Aí, zombando da própria imagem, mostrou-lhe a língua, fez careta, sorriu e depois saiu correndo.

Na escola, estudou. Lanchou. Brincou no recreio. Tentou esquecer o porquinho, mas não conseguiu.

No encontro com a Drª. Mírian contou-lhe o acontecido e ela lhe disse:

- Isso é reflexo de sua consciência. Você começa a se conscientizar do erro que faz, mas ainda teima em manter seu hábito atual.

- Então minha consciência aparece no espelho?

A psicóloga riu.

- Não, Bion. Sua consciência não aparece no espelho. A consciência de ninguém aparece no espelho, aliás. Ela fica na mente da pessoa.

- Mas então por que eu vi o porquinho no espelho?

- Você não viu. Foi sua imaginação que viu. A imagem no espelho era a de seu rosto.

- Mas eu vi um porquinho no espelho e não sou um porquinho.
- Sei disso, Bion. Não é um porquinho que você viu, mas sim você mesmo.
- Eu vi um porquinho!

Ao término do atendimento, Bion foi para casa. Com medo de ver o porquinho de novo, evitou entrar no banheiro. Mas teve uma hora em que precisou entrar. Pensou pedir proteção da mãe, mas mudou de idéia. Entrou. Contudo, não olhou para o espelho.

Dias seguidos ele ficou sem olhar para o espelho. Entrava no banheiro, fazia tudo muito depressa e depois saía correndo.

Porém, numa tarde de domingo, quando seus avôs, tios e primos foram à casa dele assistir a uma partida de futebol, ele entrou no banheiro. Seu time tinha vencido. Ele assobiando lavou somente as pontas dos dedos em vez de as mãos. Olhou distraidamente para o espelho. O porquinho estava lá, olhando para ele.

Bion sentiu um arrepio no corpo. Um tremor gélido. Um medo repentino. Mas logo se refez e corajosamente perguntou ao invasor:

- Quem é você?
- Sou sua consciência – respondeu o porquinho.
- Mentira! Minha consciência não existe, ouviu? Você é só minha imaginação.
- É mesmo? Quem disse isso?
- A Drª. Mírian.
- Verdade?! Quem é a Drª. Mírian?
- A psicóloga da escola.
- Ah, é? Então você tem uma psicóloga? Que lindo!
- Tenho, sim. E ela falou que você não existe. Por isso, vou fazer você desaparecer daí – Bion passou a mão molhada no espelho. O porquinho não desapareceu. Esfregou uma toalha. O porquinho nem se mexeu.
- Ué! Não vai chamar sua mãe nem seu pai como fez da outra vez? – perguntou-lhe o porquinho como se zombasse dele. – Não está com medo de mim?
- Não estou, porque você não existe.
- Existo, sim. Por isso estou aqui.
- Se é assim, então sai daí e fica aqui perto de mim. Quero ver.

Claro que o porquinho não sairia. Claro também que Bion ficou com um pé na porta e outro levantado para poder pular caso o porquinho saísse. Assim, simplesmente voaria dali.

- Viu como você não existe? Você não consegue sair daííí – cantarolou Bion, encolhendo os ombros.

- Você tem razão – disse o porquinho meio desconsolado. – Sou só sua imaginação. Mas bem que gostaria de sair daqui. Aí ia dar um susto daqueles em você.

- Ah, é? Coitadinho. Até parece... Quer saber de uma coisa? Não vou mais pensar em você. Assim você não aparece no espelho pra me assustar.

- Apareço, sim. Meu aparecimento aqui não depende de seu pensamento. Também não venho pra te assustar.

- Como assim?

Nisso a mãe de Bion o chamou:

- Biiiooon!!! Vai ficar o tempo todo no banheiro? Tem gente querendo entrar!

- Já vou, mãe!

O porquinho desapareceu.

Bion saiu do banheiro, uma menina em seguida entrou. Ele pensou falar pra ela: “Cuidado com o porquinho”, mas não falou. A menina poderia ficar com medo.

Ele entrou na cozinha. Dona Gracildes e tia Ingrid faziam pipoca lá.

- Oba, pipoca! – alegrou-se, varrendo com isso o porquinho do seu pensamento.

- Sim. Vai esperar quietinho lá na sala – disse-lhe a mãe -, que já vamos lá.

Os familiares estavam na sala aguardando a pipoca.

Momentos depois, Dona Gracildes e tia Ingrid colocaram a pipoca na mesa.

Dona Gracildes perguntou para Bion:

- O que você fez no banheiro esse tempo todo?

- Conversei com o porquinho.

A família toda riu.

- O quê? – perguntou o Sr. Almeida. – Conversou com o porquinho?

- Que porquinho é esse? – quis saber tio Gustavo, esposo de tia Ingrid.

- Ih, Gustavo! Nem te conto. Um dia ele viu um porquinho no espelho. Ficou com medo dele. Agora diz que conversa com ele. Você acredita nisso?

- Eu, não!

- Ah! Ah! Ah! Ah!... – todos caíram na risada.
- O que você conversou com o porquinho, filho? – perguntou-lhe a mãe, como se acreditasse.
- Muitas coisas.
Mais risos. Alguns até quase engasgaram com a pipoca.
- Vocês não acreditam? Então vamos lá ver – disse Bion.
- Vamos! – levantou-se o pai. – Vamos pro quarto pessoal, porque o espelho de lá é grande e dá pra todo mundo ver. Vamos ver o porquinho misterioso de Bion.
- Oba! Vamos ver o porquinho no espelho! – alegraram-se as crianças.
Foram todos para o quarto e ficaram na frente do espelho. Mas só viam o rosto deles mesmos.
- Viu, como não é verdade? – disse o Sr. Almeida para Bion. – Vê se inventa outra, vai.
- Será que você não sonhou, meu filho? – perguntou Dona Gracildes. – E pensa que conversou com ele?
- Não sonhei, mãe. Conversei com o porquinho de verdade.
- Há! Há! Há! Há! – a turma não agüentava mais de rir.
- De que cor era o porquinho? – perguntou Larissa, sua prima.
- Ora, da cor do porco – respondeu Bion. – Você não sabe a cor do porco?
Mais risadas.
- Essa história tá divertida demais – disse tio Marcelo, rindo. – Tá melhor que o jogo. (Tio Marcelo tinha ficado chateado porque torcia pelo time que perdeu.)
- Chega dessa história de porquinho aqui – disse o Sr. Almeida para Bion.
- Mas, pai...
- Nada de mas! Não existe porquinho no espelho e ponto final.
- Será que ele não assistiu “Branca de Neve e Os Sete Anões” e agora pensa que o espelho daqui é mágico, como o lá da história? – zombou tio Valter.
- Ah! Ah! Ah! Ah!...
Voltaram todos para a sala, decepcionados. As crianças mais ainda.
João Hélio, filho de tia Ingrid, no colo da mãe, choramingou:
- Eu quero ver o porquinho, mãe.
- Ele não quis aparecer, filho. Outra hora ele aparece.
- Eu quero ele pra mim, mãe. Quero levar ele pra casa – tornou o menino.
A mãe o agradou.

- Depois mamãe compra um igualzinho pra você, está bem, filho? Aí você vai ter um porquinho pra brincar com ele o tempo todo.

Mais risos.

- O que vai ter de criança querendo brincar com o porquinho do espelho – riu tio Marcelo –, não vai ser brincadeira. E o pior é que não sabemos sequer a cor do porquinho.

Patrícia, irmã mais nova de Larissa, perguntou para Bion:

- O porquinho que você viu tinha orelhas de porco?

- Tinha sim – respondeu Bion para Patrícia. – Senão não seria porco.

- Ah! Ah! Ah! Ah!... – todos riram.

- Agora vamos ficar em silêncio – disse o Sr. Almeida ainda rindo para as crianças –, pra gente poder assistir ao filme que gravamos no sítio.

- Obááá!...

- Uaaauuu!...

Agora de olho na TV os familiares riam com as cenas do filme cujos personagens eram eles mesmos, enquanto comiam ruidosamente a pipoca e bebiam refrigerante. Porém, de repente:

- JÁ SEI!!! – gritou Bion se levantando, assustando todo mundo. - A gente só vê o porquinho no espelho do banheiro.

- De novo, Bion? – o Sr. Almeida zangou.

- Calma, Almeida – disse Dona Gracildes. – Não fique bravo com ele.

- Por que não vamos ver no espelho do banheiro, então? – propôs tio Gustavo, se levantando. – Quem sabe o porquinho aparece lá.

Foram ao banheiro. Mas o espaço de lá era pequeno demais para tanta gente. Então se espremeram para entrar. Afinal, ninguém perderia a oportunidade de ver o porquinho.

- Se essa história for verdade – disse tia Pâmela – vocês vão ter que aumentar o tamanho do banheiro, porque muita gente vai querer vir aqui ver o fantasma.

- Fantasma? Quem falou em fantasma? – perguntou tio Marcelo, esposo dela. – É só um porquinho, Pâmela.

- Sim, mas, como ele não existe, não é um fantasma?!

- Não sei. Fantasma pra mim é aquilo que assusta, que anda por aí. E esse porquinho pelo visto não assusta ninguém e não sai do espelho. Se assustasse, Bion não conversaria com ele.

- Se é que existe – disse tio Valter -, porque acho que não vai aparecer porquinho nenhum aqui. Melhor a gente ir ver o vídeo na sala. É mais confortável lá.

- Também acho – concordou o Sr. Almeida. – Não existe porquinho nem no espelho do quarto, nem do banheiro – disse olhando para Bion.

- Vai ver que ele ficou com vergonha de aparecer – disse tia Ingrid.

- Ah! Ah! Ah! Ah!...

- Quem disse que fantasma tem vergonha? – perguntou o esposo dela.

Saíram dali, rindo.

- Essa história de porquinho é mesmo muito boa – disse tio Valter para tio Marcelo. – Ainda vai dar o que falar.

- Se vai!...

Mais risos.

Os pais de Bion, entretanto, pareciam não achar muita graça. A história do porquinho já estava indo longe demais.

"Essa história não deve sair daqui", o Sr. Almeida pensou dizer aos familiares, mas achou que bancaria o ridículo. Como iria impedir que as crianças comentassem noutro dia na escola? Talvez, se não desse importância, esquecessem, concluiu.

Percebendo o desapontamento deles, tia Juliana disse para consolá-los:

- Isso é normal nessa idade. Aos nove anos toda criança gosta de soltar a imaginação, de mentir.

- Eu não! – disse Igor, seu filho, que também tinha nove anos de idade.

- Ah, é? Olha só quem diz – disse tio Valter, o pai dele. – Se eu contar suas histórias aqui não sobra tempo pra gente ver o filme da família.

E você, costuma contar histórias???

Um dia, entretanto, quando Bion tomava banho de gato na frente do espelho, o porquinho apareceu. Querendo provar sua existência, Bion gritou:

- PAPAI, MAMÃE! VEM VER O PORQUIIINHOOO!

Os pais correram ao banheiro. Olharam no espelho. Mas só viram eles mesmos.

- É só sua imaginação, filho – consolou-o a mãe, passando a mão nos cabelos dele. A psicóloga já havia dito para ela não dar atenção às histórias dele, que "essas invencionices de criança passam com o passar do tempo", tal qual tia Juliana dissera. Contudo, mesmo assim... Bem, cá entre nós, ela estava louca para

ver o porquinho. O Sr. Almeida também, senão não correria para vê-lo.

☺☻☺

Depois disso o porquinho misterioso ficou algum tempo sem aparecer. Porém, quando apareceu, em vez de chamar os pais, Bion lhe perguntou:

- Por que todo mundo não vê você se eu vejo?

- Porque sou sua imaginação. Na imaginação deles eu não existo.

- Não sei, não. Eu não imagino você.

- É o que você pensa. Em seu subconsciente eu apareço como um porquinho.

- Por quê?

- Porque você anda sempre sujinho. Não gosta de lavar as mãos nem antes, nem depois de comer. De lavar o rosto quando acorda. De escovar os dentes. Calça tênis com pés molhados. Eles ficam fedorentos. Joga lixo na rua. Limpa o salão na frente dos outros...

- Pára!

- Por que “pára”? Então tudo isso não é verdade?

- Não é! É mentira sua, ouviu? – disse Bion muito zangado, apontando o porquinho. – Não acredito em você!

- Oh, “quando você apontar com um dedo, lembre-se de que outros três dedos seus apontam para você”. Provérbio inglês. Lembre-se disso.

- O que é provérbio?

- Sabia que você ia perguntar. É uma lição. Um modo de dizer: “faça isso” ou “não faça isso”.

Bion testou na hora e viu que era verdade. Você aponta o indicador para frente, mesmo que dobre o polegar, o médio, o anular e o mindinho ficam apontados para você. Faça essa experiência!!!

- É mesmo! – sorriu Bion. – Porquinho sabido. Você tá certo.

- É bom que você aprenda isso, ouviu? – continuou o porquinho. – Nunca aponte ninguém. Agora, o que eu lhe disse antes não é mentira. Quer ver? Observe seus coleguinhas de escola. Sabe como eles apelidam você?

- Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe.

- Ah, é? - O porquinho riu e depois falou: - Bion porquinho, rei da sujeira. Eles até inventaram uma musiquinha assim, ó:

“Bion porquinho,
Bion porquinho,
Rei da su-jei-rá-rá.
Bion porquinho,
Bion porquinho,
Rei da su-jei-rá-...”

- Pára! – Bion o interrompeu.
- É o que eles dizem. E é o que cantam também.
- Mentira sua! Por que então eu nunca ouvi?
- Porque não cantam perto de você. Só entre eles. E riem o tempo todo.
- Men-ti-ra! – soletrou Bion com as mãos em volta da boca em forma de funil.
- Ah, é? Então preste atenção neles. Mas escondido pra não verem você.

Bion pensou em dizer ao porquinho:

- “Não vou prestar atenção em ninguém! Nem vou mais falar com você! Não gosto de você!”

Porém, não disse. Ao contrario, preferiu verificar.

Nos dias seguintes observou o zunzum na classe. Não deu outra.

Certo dia, quando menos esperava, depois de uma partida de futebol, no banheiro, pensando que ele não estava perto, Diego, aluno novo na classe, comentou:

- Não gosto de ficar perto de Bion. Ele fede muito.
- Não é só você. Ninguém gosta de ficar perto dele – disse Tales.
- É por isso que o apelido dele é Bion porquinho – lembrou Mateus.
- Sim - completou Pedro, rindo: – Bion porquinho, rei da sujeira.
- Coitado – apiedou-se Diego. – Por que a gente não fala pra ele tomar banho?
- Ele não gosta de tomar banho. Você não vê depois do futebol? A gente vai pro chuveiro e ele não. Calça aquele tênis sujo, fedorento e vai embora. Nem se despede da gente. No dia seguinte ninguém agüenta ficar perto dele, cara!

Bion chorou muito, escondido. Esperou que todos saíssem do banheiro para sair sem ser visto.

“Então é verdade”, concluiu. O porquinho bem que tinha razão.

Em casa, depois do almoço, distraidamente usou o banheiro e não lavou as mãos. Não demorou muito o porquinho apareceu.

- Você tinha razão – disse tristemente. – Eles falam de mim o tempo todo.

- Disseram assim: “Bion porquinho, rei da sujeira”?

- Por que você repete? Disseram, sim. Desse jeito mesmo. Aqueles... Aqueles...

- Opa! Xingamento, não! Quer dizer que agora acredita em mim?

- Acredito. Só que não vai ficar assim, porque vou acabar com todos eles. Vão ter que parar com isso.

- Vai acabar com todos eles como? Matando um por um?

- Claro que não. Dando uma surra neles.

- Não vai conseguir.

- Por quê?

- Porque muitos deles são maiores e mais fortes que você. E bater nos mais fracos é covardia. Por que não lhes dá o troco mudando seu comportamento?

- Porque não quero! E fique sabendo que covardia é falar mal dos outros, ouviu? Eles são covardes e acho que você também.

- Por quê?

- Por que fica me dizendo isso, seu burro, em vez de me ajudar – disse Bion muito zangado e saiu do banheiro.

Ele não percebia, mas ajudá-lo era tudo o que o porquinho estava tentando fazer. Você percebeu isso?

Nos dias seguintes, entretanto, com raiva do porquinho, entrava no banheiro e não olhava para o espelho. Tirava a roupa depressa. Entrava no boxe. Tomava banho. Depois, sempre de olhos fechados, abria o armário, colocava a pasta na escova e escovava os dentes olhando para a parede. Quando ia guardar os objetos que usara no armário, fechava novamente os olhos, só para não ver o porquinho.

Assim, o tempo foi passando e ele não percebia o que acontecia com ele. Mas seus pais sim. Não lhe diziam nada para não “quebrar o encanto”. Mas se alegravam e até comemoravam.

- Ele está aprendendo comigo – gabou-se o pai. – Vai ser tão vaidoso quanto eu.

- Não senhor, comigo – disse a mãe. – Sou eu quem ensina ele o tempo todo.

Na escola também notavam a mudança no comportamento dele. Tão desleixado antes, agora cuidava do material escolar. Caprichava na letra e evitava rasuras. Limpava a carteira sempre que usava a borracha. Estudava mais e fazia os exercícios direitinho. A Professora Elenira se admirava. Nem parecia o Bion de antes. “O meu Bion”, ela dizia. Conferia as respostas dos outros com base nas respostas dele.

- Que bom! – alegrou-se Dona Isabel, diretora da escola, numa das reuniões de professores. – Ele vai servir de exemplo para os outros alunos da escola.

- Exemplo positivo – disse maldosamente o professor de Geografia. – Que negativo já temos demais aqui.

A diretora ignorou o comentário maldoso dele e depois continuou:

- Mas que gracinha! Que bom se acontecesse isso com todos os alunos – suspirou. - Nossa escola seria a mais destacada de Pouso Alegre.

- Uhuuu!...

Os colegas notavam também a maneira de Bion se vestir. De andar na rua sem chutar mais nada e comentavam:

- Que será que aconteceu com ele?

Na sala de aula passaram a sentar-se perto dele, a conversar com ele. Como sempre sabia a resposta, queriam saber como aprendia tão depressa.

- É que eu estudo – respondia ele sem dar muita explicação.

As meninas descobriram que era bonito. Os meninos, que era um bom amigo.

Os pais não cabiam em si de contentes. Os avôs, tios e primos também. Eles tinham sofrido demais com o comportamento desregrado do menino rebelde.

No aniversário dele o Sr. Almeida presenteou-o com uma bicicleta. A mãe com um skate. Os avôs paternos, Sr. Otávio e Dona Lenira, com um computador. Os maternos, Sr. Antônio e Dona Teodora, com a reforma do quarto. Bion tirou pôsteres rasgados, adesivos e outros objetos danificados das paredes. Colocou novos. Além disso, livrou-se dos tênis velhos e fedorentos e passou a usar os novos que sua mãe comprara. Não deixava mais brinquedos, nem roupas, nem sapatos espalhados pelo chão. Bion de fato mudou muito. Passou a usar roupas da moda. Bonés sofisticados...

Mas, e quanto ao porquinho? Você deve estar se perguntando.

Bion continuava sem vê-lo. Não olhava para o espelho, simplesmente o ignorava. Por outro lado, ele pensava assim: “Já que não consigo provar a existência dele, melhor deixá-lo de lado.” Afinal, os pais já tinham desistido de vê-lo. Por que insistir com um porquinho irreal?

Os avôs, sim, tanto paternos quanto maternos, acreditavam na história dele, mesmo sem ver o tal porquinho.

☺ ☻ ☺

Bem, o tempo foi passando. Bion se transformando. Usando roupa bonita. Ficando cada vez mais bonito. Agora passava talco anti-séptico nos pés, nos tênis e não os calçava com os pés molhados. Tornou-se outro.

Enfim, no último dia de aula ele recebeu o prêmio de melhor aluno da escola. Além de ser o mais asseado. Era o mais aplicado. O mais organizado. E ainda se destacava nos esportes. Um ás!

- Viva Bion! – aplaudiam os colegas.

- Bion é o maior!

Abraços e beijos. Emoções a mil.

Em casa, foi surpreendido pelos pais, avôs, tios e primos, que fizeram no fim de semana uma big festa para comemorar o evento e ainda deram-lhe presentes.

Bem, depois disso tudo, que mais dizer de Bion?

Que resolveu fazer as pazes com o porquinho. Pensando assim, decididamente entrou no banheiro e ficou algum tempo olhando para o espelho. Mas o porquinho não apareceu. Tudo o que ele via era seu próprio rosto. Olhou de um lado. De outro, se afastou, nada! Ficou decepcionadíssimo.

“Vai ver que ele não existia mesmo”, concluiu por fim. “Quem sabe era só minha imaginação.”

Entretanto, ficou muito triste por não ver o misterioso amigo.

O tempo foi passando, ele fazendo tudo direitinho. Isto é, tomava banho sem esquecer as dobrinhas, as orelhas, o nariz. Escovava demoradamente os dentes. Depois passava fio dental. Usava cotonete para limpar o salão, em vez de dedo.

Bion ficou tão certinho que não tem nem graça continuarmos nossa história. Você concorda comigo?

☺ ☻ ☺

No ano seguinte, duas semanas antes do Carnaval, início das aulas. Classe nova. Turma nova. Colegas novos. Muitos alunos foram para outras escolas. Muitos vieram de outras escolas.

Andréia, a nova professora, achou-o demais. Ela também era nova na escola. Na sala dos professores, ficou surpresa ao saber que em anos anteriores ele fora um dos alunos mais relaxados da classe.

- Isso é incrível! – admirou-se ela. – Que milagre será que aconteceu com ele?

- O tratamento que fez com a Drª. Mírian – lembraram. Aí a Drª. Mírian teve lugar de destaque.

Nenhum aluno dos que permaneceram na escola ousaram lembrar-se sequer do apelido dele. Agora eram eles que deviam se cuidar, senão passariam a ser os famosos “sujinhos” da escola. Afinal, perto de Bion qualquer um poderia parecer malvestido.

Bem, se eles não fizeram isso, tampouco eu o farei. Ainda mais agora que nossa história chega ao fim. Vamos encerrá-la, portanto, com chave de ouro, não é verdade? Por falar nisso, que tal, você gostou dela? Dê-me sua opinião, vai!

Só é preciso dizer que no meio do ano ele se descuidou. Isto é, teve uma recaída. Às vezes escovava os dentes depressa e não passava fio dental. Além disso, insistia com o chato banho de gato. De novo aquela mania de achar que ninguém o observava.

Porém, um dia, ao passar água no rosto com as pontas dos dedos, viu seu rosto se transformar pouco a pouco no do porquinho.

Aí ele ficou olhando surpreso para o porquinho e depois perguntou:

- O que aconteceu com você? Por que sumiu?

- Eu não sumi – respondeu o porquinho. – Estou sempre aqui.

- Se é assim, por que eu não vejo você?

- Vê sim, todos os dias.

- Tá louco? De que jeito?

- Como o seu próprio rosto.

- Meu rosto eu vejo quando olho no espelho.

- É isso aí. Só que quando você vê seu rosto, não vê o meu.

- Nem precisa me explicar isso, porque sei. Tô falando de ver você, não eu.

- Bem, Bion, eu não devia te contar. Mas, já que insiste. Eu só apareci porque você era relaxado. Descuidado. Não gostava de tomar banho. Lavar rosto. Escovar dentes. Vivia limpando o salão com o dedo. Caca! Ainda jogava lixo na rua e chutava tudo o que via, estragando os sapatos. Agora você não faz mais nada disso. Só relaxou esses dias, por isso estou aqui.

- Ah, é, então é assim? Quando eu me arrumo direitinho eu vejo o meu rosto? Quando não me arrumo eu vejo o seu?

- Isso mesmo! Entendeu agora?

- Entendi. Puxa vida! E eu que pensava odiar você por me dizer aquelas coisas.

- Não ia adiantar nada, porque eu não existo. Você só ia odiar você mesmo e ódio não leva ninguém a lugar nenhum. Lembre-se disso: “Aquele que odeia sofre mais que o odiado”.

- Tá bom. Tá explicado. Mas me explica mais uma coisa: Se eu sou você, por que você sabe coisas que eu não sei?

- Boa pergunta. Só não sei a resposta – o porquinho riu.

- Viu, como não sou você? Você riu e eu não.

- Tá certo, menino esperto. Mas essa é uma outra história. Fica pra outra vez.

- Pra outra vez, quando?

- Êh, menino curioso! Você faz tanta pergunta que nem sei se devo responder.

- É que gosto de saber, ora! Mais uma: Já que agora vou fazer tudo direitinho, como faço pra conversar com você, quando eu quiser?

- Muito simples. Converse com sua imagem, que sou eu mesmo. Lembre-se: O porquinho não existe. Existe apenas na sua imaginação. Você quer ver?

- Quero.

O porquinho foi se transformando pouco a pouco no rosto de Bion e este gritou:

- Porquiiiiinhoooooo!...

Ao ouvir o grito, sua mãe correu ao banheiro. Bateu à porta e chamou:

- Bion? Você está bem?

- Estou, mãe.

- Então, por que gritou?

- Por nada, mãe.

“Não adianta falar pra ela do porquinho”, pensou.

“Esse menino! Deve ter dormido sentado no vaso sanitário e sonhado com o tal porquinho imaginário dele”, concluiu por fim Dona Gracildes.

Todavia, ficou em dúvida, porque Bion não era sonâmbulo.

- F I M -

GLOSSÁRIO

A Mil – Bras. Em estado de grande animação, excitação, alegria, entusiasmo.

Ás - Fig. Pessoa exímia em determinada atividade.

Banho de gato – Diz-se de banho que se toma superficialmente, molhando apenas partes do corpo com as pontas dos dedos.

Consciência – s.f. Cuidado com que se executa um trabalho, se cumpre um dever; senso de responsabilidade.

Fantasma – s.f. Imagem ilusória; fantasmagoria.

Funil – s.m. Utensílio cônico, provido de um tubo, destinado a transvasar líquidos.

Gabar – v.t.d. Fazer o elogio de; preconizar as boas qualidades de; louvar, celebrar, elogiar: Mãe coruja, vive a gabar os filhos.

Glossário – s.m. Vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais ou pouco usadas.

Guloseima – s.f. *V. gulodice*: Doce ou iguaria qualquer, muito apetitosa.

Imagem – s.f. Representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto.

Imaginação – s.f. Faculdade que tem o espírito de representar imagens; fantasia.

Limpar o salão - Limpar o nariz com o dedo; minerar.

Misterioso – Adj. Em que há, ou que envolve mistério; oculto, secreto.

Novato – s. m. Estudante novo na escola; calouro.

Pressentir – v.t.d. Sentir antecipadamente.

Provérbio – s.m. Máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens.

Rebelde – adj. 2 g. Teimoso, obstinado; indisciplinado: criança rebelde.

Sonâmbulo – Adj. Med. Diz-se de pessoa que anda, fala e se levanta durante o sono; noctâmbulo.

Tratamento – s.m. Terapia: Processo destinado a curar ou a paliar.

Zunzum – s.m. Boato, falatório sobre assunto ou pessoa.

Fonte: Dicionário Aurélio
Editora Nova Fronteira

Sobre o autor:

José Guimarães e Silva

Nasceu em Cáceres, Estado de Mato Grosso.
O desejo de escrever surgiu de forma espontânea, procurando expressar seus sentimentos e experiências, motivado pela professora de Português, que sempre elogiava suas redações. E essa motivação cresceu quando foi premiado no concurso literário "Em Breve Nascerá Outro Escritor", do Serviço Social do Comércio – SESC Carmo, São Paulo (SP). Depois vieram outros prêmios...
Morou em Cuiabá até a idade de 19 anos, passando depois a residir em São Paulo, onde concluiu o curso de Ciências Físicas e Biológicas, Licenciatura Primeiro Grau e Matemática Segundo Grau, na Universidade São Judas Tadeu.
Depois, Mestrado em Matemática na Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.
Deu aulas em escolas da rede estadual e particular de São Paulo.
Reside atualmente em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, Brasil.

Livros publicados:
Companheiro de Viagem, Segunda edição, romance infanto-juvenil, Papel & Virtual Editora, Rio de Janeiro (RJ).
O Desconhecido, conto, Coletânea "Nova Literatura Brasileira", Shogun Editora e Arte, Rio de Janeiro (RJ).
Keity, romance infanto-juvenil, Virtual Books Editora, Pará de Minas (MG).
Mokolóton, conto que deu origem ao livro Mokolóton, "Prêmio Joaquim Duarte Baptista", Antologia 17ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, Scortecci Editora, São Paulo (SP) e Virtual Books Editora.
Mokolóton, romance infanto-juvenil, ficção científica, Papel & Virtual Editora, Rio de Janeiro (RJ).
O Ursinho Chorão, conto infantil, Virtual Books Editora.
O Pintinho Amarelinho e Os Patinhos Nadadores, conto infantil, Virtual Books Editora.
A Campainha, conto juvenil, Virtual Books Editora.

Home Pages: http://www.mokoloton.com
http://paginas.terra.com.br/arte/planetamokon e
http://guimasil.sites.uol.com.br

Blogs: http://livrosgratis.blog.terra.com.br e
http://mokoloton.blogspot.com

Atividades em sala de aula:

1 - Qual o nome do livro e do autor?

2 – Qual é a moral da história?

3 – O que você entendeu do livro?

4 – Você encontrou no texto palavras que não conhecia? Quais?

4 – Escreva uma frase sobre o livro.

5 – Você gostou do livro?

6 – Faça um resumo do livro.

7 – Ilustre o "O Porquinho no Espelho", mas tente imaginá-lo de sua cabeça.

Para corresponder com José Guimarães escreva:
guima.sil@bol.com.br e guima.sil@hotmail.com